

# O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE FISIOTERAPEUTAS NO RIO GRANDE DO SUL SOB A ÓTICA DE COORDENADORES DE CURSOS DE FISIOTERAPIA

Autores Marielly de Moraes, Vera Rocha, Aline Martinelli Piccinini  
Instituição 1. UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rua Felizardo, 750 - Jd. Botânico

## Resumo:

Introdução: Com a implementação do SUS, emergiram desenhos e novos cenários de atenção à saúde que passaram a colocar em questão a Educação em Saúde vigente, exigindo uma formação em consonância com os princípios e diretrizes deste sistema. Neste sentido, o SUS traz para a formação o tema da Integralidade que propõe o desafio de pensarmos uma atenção à saúde centrada na vida das pessoas, considerando os aspectos de sua complexidade, individuais e coletivos. Objetivos: Este resumo descreve parte dos resultados de uma dissertação de mestrado intitulada “discursos sobre as práticas no contexto da formação de fisioterapeutas no Rio Grande do Sul”, a qual problematiza o processo de formação de fisioterapeutas deste Estado a partir do discurso de coordenadores de cursos de Fisioterapia acerca das práticas desenvolvidas no cotidiano da formação. Métodos: Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, originado a partir de uma entrevista individual semi-estruturada com cinco coordenadores de cursos e um representante da coordenação, os quais relataram sobre a formação acadêmica do fisioterapeuta em suas instituições e a relação entre o processo de formação em Fisioterapia e o SUS. As entrevistas foram transcritas e analisadas em seus aspectos qualitativos por meio de análise de discurso. Os elementos analisados dizem respeito a características gerais da formação, estruturas curriculares, práticas pedagógicas, cenários de práticas e perspectivas relacionadas à integralidade na atenção. Resultados e discussão: Os resultados apontaram a predominância de movimentos de transformação no interior dos cursos, os quais, em sua maioria, parecem estar preocupados em seguir algumas orientações contidas nas diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em fisioterapia (DC). No intuito de ampliar o campo de visibilidades necessárias ao fisioterapeuta para sua compreensão e

intervenção no contexto social atual, percebido nas falas como uma fragilidade no âmbito da fisioterapia, as Diretrizes Curriculares sugerem uma postura dialética entre os saberes acadêmico-científicos instituídos e processos éticos e humanísticos de subjetivação. No entanto, ao mesmo tempo em que ganham destaque, as DC têm gerado diferentes interpretações. Os discursos sobre as práticas demonstraram que nem todos os envolvidos com a formação as compreendem, sentem-se parte, ou estão devidamente comprometidos com os novos rumos indicados pelas diretrizes. Todos os cursos apresentaram cenários de construção e reforma dos Projetos Político Pedagógicos e Currículos calcados na diversidade de atores envolvidos com a formação: coordenadores, docentes, representantes de discentes, discentes egressos, instâncias de colegiado gestor e apoio pedagógico institucional, dentre outros. Mesmo sendo um espaço ocupado por diversos atores os discursos causaram a impressão de haver ainda um vazio em relação à participação da população e de representantes dos serviços de saúde nas instâncias de formação. A organização dos cursos parece ainda encontrar-se muito apegada às formas tradicionais de ensino, centradas na figura do docente, na divisão de conteúdos por disciplinas, na dificuldade de comunicação entre as disciplinas e na dicotomia entre a teoria e a prática; o que configura um fator que possivelmente dificulta a incorporação de novas formas de compreender e lidar com a saúde, na medida em que tal estrutura privilegia a organização do conhecimento de maneira hierárquica e descontextualizada dos cenários da vida real. Os coordenadores apontaram de forma unânime que uma das principais dificuldades para se realizar uma formação voltada para a realidade social no interior dos cursos de Fisioterapia deve-se à formação dos docentes, centrada em conhecimentos técnico-científicos, direcionada historicamente para a reabilitação física e, de certa forma, distante de outras profissões da área da saúde. A maioria dos coordenadores dos cursos referiu que as IES incentivam a educação continuada de docentes e de egressos; no entanto, percebe-se que há ainda lacunas quanto à ordenação do processo formativo em relação à educação permanente, a qual instiga o repensar da práxis. De alguma forma, implicitamente foi possível perceber a existência de um imaginário que não estabelece relação entre o SUS e os serviços privados de saúde e que relaciona o SUS às pessoas com baixo poder aquisitivo; o que de forma

subtendida acena a idéia de que pessoas com melhor poder aquisitivo optam por serviços de melhor qualidade, supostamente compreendidos como privados. Outra questão que pode estar subentendida aqui é a percepção de que a atenção em saúde neste setor encontra-se voltada para a caridade. Tal constatação, em se tratando de discursos de coordenadores de cursos e docentes que ocupam um lugar de formadores de opinião nos leva a pensar até que ponto o discurso subentendido pode influenciar o imaginário dos estudantes e que conseqüências isso pode refletir na formação. Por outro lado, em meio a essas características, foi possível perceber que emergem em alguns cursos diferentes movimentos que potencializam transformações na formação que seguem a direção de uma atenção voltada à integralidade. Metodologias ativas de ensino aprendizagem, que valorizam o protagonismo dos estudantes, vêm sendo inseridas aos poucos na maior parte dos cursos, por parte de algumas iniciativas que geralmente estão ligadas aos docentes do campo da Saúde Coletiva. A utilização de tais metodologias tem evidenciado uma aprendizagem mais reflexiva e significativa. Neste sentido, é interessante perceber como, mesmo em cursos com estruturas mais duras, novas metodologias de ensino vem apresentando resultados positivos; o que dá luz ao papel fundamental do docente dentro do curso como um ativador de processos. Cenários de prática têm sido diversificados e ampliados, no intuito de aproximar os estudantes dos contextos da vida das pessoas e despertar a produção de *afectos* e significados. A Atenção Básica em saúde foi o cenário de prática mais destacado entre as falas dos coordenadores. Mesmo não havendo a presença de fisioterapeutas (o que é visto de maneira negativa por todos os coordenadores), a maioria dos cursos tem buscado inserir-se, descobrir e aproveitar a variedade de possibilidades de atuação dos fisioterapeutas neste campo, mostrando à população, aos serviços e a si próprios as contribuições que podem oferecer, ao mesmo tempo em que contribuem para o despertar do interesse dos futuros profissionais por esta área. A descentralização de ambiente hospitalar para outros lugares como o campo da Saúde Coletiva é fator que contribui para mostrar aos estudantes que a saúde e a doença são conseqüências não só do adoecimento biológico; que ambas fazem parte da vida e estão imbricadas entre si no cotidiano e que a presença do fisioterapeuta como um agente de

saúde/doença/cuidado/qualidade de vida se faz importante também nos espaços coletivos, tanto por suas características comuns aos profissionais de saúde de outras áreas, quanto por suas habilidades e competências restritas ao núcleo da profissão. Acerca da temática da humanização foi possível perceber que a valorização das relações humanas entre docentes, alunos e usuários dos serviços de saúde vem ganhando amplitude em alguns cursos. Esta foi uma característica comum aos cursos que pertencem às IES religiosas, mas que não se restringe a elas. Atos como a sensibilidade docente diante das considerações trazidas por um estudante ou como o reconhecimento da qualidade e potencialidade dos Agentes Comunitários de Saúde refletem a dimensão que o âmbito das relações interpessoais vem alcançando dentro dos cursos. Em meio ao predomínio de características tradicionais nos cursos, alguns coordenadores apontaram e demonstraram que apostam em novas perspectivas em relação ao projeto político pedagógico e ao currículo, o que sugere uma abertura das grades curriculares. Sinais desta abertura foram ilustrados nos discursos através da ampliação da carga horária que possibilita vivências diferenciadas e mais intensas no decorrer do curso, da valorização de critérios subjetivos que condizem com um perfil agregador de valores no momento da seleção dos docentes, dentre outros. Desponta em alguns cursos a busca por uma práxis profissional unificadora, que pretende ultrapassar os fazeres técnicos e estanques (divididos em prevenção de doenças, recuperação e reabilitação da saúde, dentre outras divisões conhecidas na fisioterapia). Além destes, há ainda outros indícios, como a ocupação de instâncias de debate e apoio (como a Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia) por parte de coordenadores e docentes. Tais exemplos evidenciam que de alguma forma estas IES, no uso de sua autonomia, tem considerado seu papel político e ético como instituição de ensino. Conclusão: Em meio aos cenários de tensões confusões, erros e acertos, tropeços e percalços que se estabelecem nos processos de mudanças, importantes transformações vêm ocorrendo; no entanto, com sinalizações de que há muito para ser feito no que diz respeito a uma formação de fisioterapeutas coerente com as necessidades sociais que se apresentam.

**Palavras-chaves:** fisioterapia, formação profissional, diretrizes curriculares